



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de
Conjuntura em Relações
Internacionais

N^{os} 34/35

Maio – Junho – 2003



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

S U M Á R I O

NOVAS FORMAS DE APROXIMAÇÃO DA ÁSIA-PACÍFICO (II)

PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO

II GUERRA DO GOLFO:

A INCONFORMAÇÃO DA NOVA ORDEM MUNDIAL

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

CONGO E SUDÃO: EIXOS DE DISPUTA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA OU NOVO PARADIGMA DA GUERRA MODERNA?

JOÃO FÁBIO BERTONHA

A IMPRENSA PERDE A GUERRA

ANA MARIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

O BRASIL E OS ACORDOS

ECONÔMICOS INTERNACIONAIS

VALERIO DE OLIVEIRA MAZZUOLI

UNIÃO EUROPÉIA: PÓLO ALTERNATIVO

DE PODER, “CIVILIAN POWER” OU

ALIADO INCONDICIONAL DOS

ESTADOS UNIDOS?

MIRIAM GOMES SARAIVA

AS VITÓRIAS DE BUSH

CRISTINA SOREANU PECEQUILO

OS EMIGRANTES E A POLÍTICA

EXTERNA DO BRASIL, DO MERCOSUL

E DA UNIÃO EUROPÉIA. UMA AGENDA

DE PESQUISA

JOÃO FÁBIO BERTONHA

A OTAN DO SÉCULO XXI:

A CÚPULA DE PRAGA

CRISTINA SOREANU PECEQUILO

EUA: (NOVA) GUERRA DO GOLFO?

VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

Novas formas de aproximação da Ásia-Pacífico (II)

Paulo Antônio Pereira Pinto*

Na coluna anterior, procurou-se identificar temas que compõem, entre outros, agenda de preocupações comum à Ásia-Pacífico. Foi ressaltado, também, que dinâmica regional própria e o fortalecimento da cidadania poderiam indicar que propostas brasileiras originais facilitariam novas formas de interlocução com a área.

Pensava-se, então, por um lado, no diálogo sobre questões de caráter estratégico, que envolvam a exploração de oportunidades para a transformação estrutural da sociedade, da economia e de maneiras de inserção internacional do Brasil e países desta parte do mundo.

Por outro, tinham-se em mente sugestões práticas quanto à exploração de vias complementares de aproximação entre o Brasil e a região. Isto é, a mesma dinâmica que está proporcionando a integração e cooperação entre países e culturas permite identificar transformações em curso, que implicam na reestruturação produtiva, reorganização político-institucional, reformulação vivencial e reconfiguração cultural e societária¹, que passarão a exigir novas iniciativas de aproximação.

Em textos já publicados, sobre desafios e oportunidades para o adensamento das relações bilaterais e promoção da imagem do Brasil, ressaltou-se que países asiáticos desenvolvem exercício de reflexão, em busca de projeto regional que reflita uma agenda própria de preocupações, em resposta a questões no campo de segurança, transformações econômicas, sociais, culturais e políticas. Nesses setores, é sabido, existem propostas brasileiras originais que poderiam tornar-se novos temas para a interlocução com a área.

Entre estas, encontram-se os referentes:

- À sociedade global de informação, onde o Brasil já detém razoável base tecnológica-industrial em telecomunicações e informática, além de experiência significativa de sua aplicação em alguns setores de

* Diplomata de carreira e já serviu por mais de treze anos na região da Ásia-Pacífico, sucessivamente, em Pequim, Kuala Lumpur, Cingapura e Manila, em missões permanentes, e Xangai e Jacarta, provisoriamente. Em setembro de 1994 foi o coordenador da primeira missão acadêmica brasileira que visitou Cingapura, Pequim e Hong Kong. Atualmente é o Diretor do Escritório Comercial do Brasil em Taipé, Taiwan. As opiniões expressas no presente texto são exclusivamente as de seu autor.

¹ “A Época das perplexidades”. Por René Armand Dreifuss. Vozes.

EUA: (nova) Guerra do Golfo?

Virgílio Caixeta Arraes*

Há pouco mais de uma dezena de anos, dois eventos sublinhariam o ano (1991) do fim formal da Guerra Fria e o nascimento de uma nova ordem mundial, em formação até hoje: o malogrado Golpe de Agosto, com duração de 3 dias, que apressou ainda mais o desmonte do Estado soviético, já em longo processo de decomposição.

Em dezembro daquele ano, a URSS entrava para a história como mais um império extinto, com duração inferior a um século. Seu sucedâneo, a Rússia, nasceu enfermeira economicamente, sendo-lhe prescrito pelo vencedor – os Estados Unidos e os organismos internacionais econômicos – o remédio do neoliberalismo para a superação de sua debilidade crônica. Encerrava-se o curto período do socialismo real, que fora marcante pela contraposição vigorosa, em alguns momentos de sua breve existência, ao Ocidente capitalista, que fora obrigado a algumas concessões, como o Estado do Bem Estar Social – *Welfare State*.

A autoconfiança exarada no Ocidente, notadamente nos Estados Unidos, pela vitória demonstrou-se na proclamação de uma nova ordem mundial pelo Presidente norte-americano, George Bush, que possuiria no seu núcleo a democracia como regime político e o livre mercado como modo econômico. À anterior tensão interminável, sucederia a diplomacia infatigável; ao uso do unilateralismo tentador das poucas grandes potências, o multilateralismo paciente e mitigador das disputas na política internacional; aos exagerados gastos econômicos para fins militares, a oportunidade de seu redirecionamento para os novos mercados que adviriam com o fim do socialismo. Portanto, na otimista visão ocidental, alardeada incessantemente pelos meios de comunicação, uma nova era de paz e prosperidade, com a razão pautando, supostamente, o gerenciamento do ‘novo’ mundo.

Em meio à euforia formante – havia a reconfiguração territorial em diversos locais do planeta – o Iraque, ditadura republicana, destacado no Ocidente por ter promovido a contenção fundamentalista islâmica na década de 80, acreditou que chegara o momento de ser (re)compensado: ambicionava incorporar um pequeno país – Coveite, uma monarquia absolutista – que lhe proporcionaria acesso maior ao golfo Persa e, principalmente, a ricas reservas petrolíferas, o que lhe permitiria recuperar-se mais rapidamente dos quase 10 anos de guerra contra o Irã. Com poucos dias, a invasão consumou-se e o país esperava uma reação internacional moderada, que lhe municiasse tempo para consolidar o novo quadro.

A reação, contudo, veio-lhe fulminante e adversa: o Conselho de Segurança da ONU e a Liga Árabe condenariam a ocupação. A ONU determinaria um embargo econômico e o Iraque, em contrapartida, anexaria definitivamente o país. Com a chancela da ONU, uma coligação, liderada pelos Estados Unidos, reuniria mais de meio milhão de homens, estacionados em sua maioria na Arábia Saudita. Alguns meses mais tarde, em apenas algumas semanas, o Iraque seria defenestrado do Coveite e sua elite dirigente tornar-se-ia pária perante o restante do mundo.

Todavia, Sadã Hussein permaneceu no poder, como mal menor aos olhos do Ocidente, ante o perigo de uma dissolução territorial do Iraque, principalmente em relação aos curdos, cuja independência aticaria a mesma centelha de seus compatriotas no Irã e Turquia, e aos muçulmanos xiitas, que buscariam aproximação política mais estreita com o Irã, de mesma tendência religiosa. Desta forma, a coligação, vitoriosa militarmente, não obteve o correspondente do ponto de vista político na região, optando estrategicamente por um enregelamento.

* Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – UnB.

Surpreendentemente, do lado vencedor, nos Estados Unidos, o Partido Republicano perderia sucessivamente em duas disputas as eleições presidenciais para o Democrata, mais propenso a utilizar o poder do país por meio dos organismos internacionais. Destarte, o Iraque permaneceria praticamente dentro do mesmo molde: isolado, menosprezado e intensamente vigiado, como lembrança contumaz de uma ordem antiga, cuja transição para a nova não se encerrava, estando a principal potência ocidental sem poder movimentar as peças do xadrez geopolítico dentro exclusivamente de seus desígnios, da mesma forma que na época da existência da União Soviética, de forma que a manutenção deste quadro tolher-lhe-ia a edificação real e duradoura da tão esperada nova ordem internacional, configurada acima nos anseios das principais potências capitalistas.

Portanto, a ação atual no Iraque reveste-se de um significado maior, que ultrapassa a questão

geopolítica local; ela refere-se à finalização do traçado delineado na transição de um novo momento internacional advindo com o fim da Guerra Fria, que foi interrompido em sua execução no Oriente Médio, preferindo-se, naquele momento, o congelamento e não, de forma alguma, a sua suspensão definitiva.

Com a retomada do poder pelo Partido Republicano, a linha de ação retornou com a mesma intensidade de anos atrás, mas por rota diferente, em face do inesperado contratempo, rapidamente identificado no Afeganistão, acusado formalmente pelo atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Superada, pela via militar, a questão afegã, volta-se a política externa republicana para a estação interrompida: Iraque, que fica à própria mercê, sem poder ir à busca de auxílio externo, como na antiga era, em que a União Soviética podia auxiliar na manutenção do precário equilíbrio do jogo de xadrez da geopolítica do Oriente Médio.

